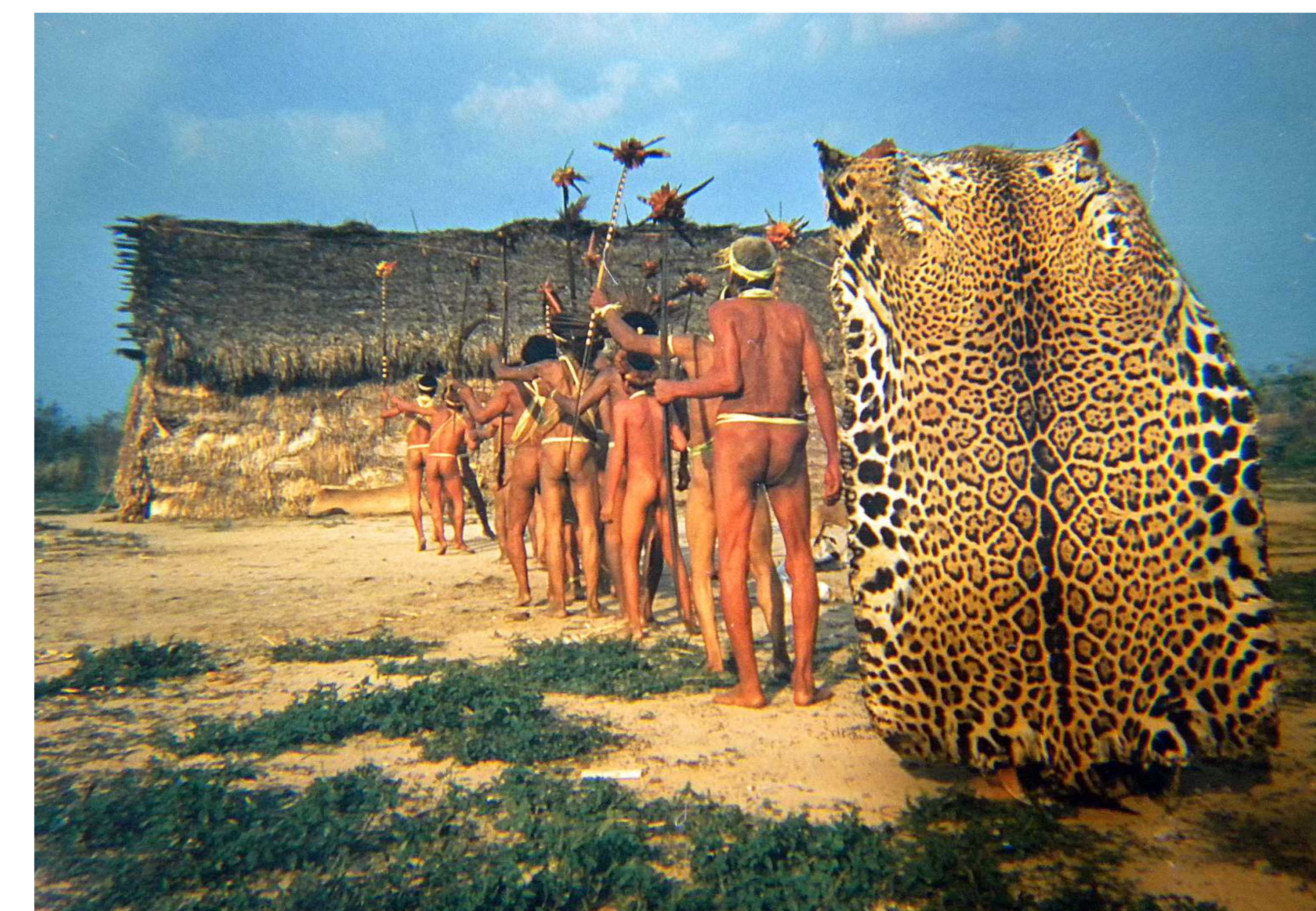




Vida e morte BORORO



Os principais rituais dos Bororo, indígenas com língua do Tronco Macro-Jê que habitam o Mato Grosso, são os relacionados à celebração do sepultamento dos mortos. Vladimir Kozák registrou esses momentos, entre os Bororo orientais do rio São Lourenço, em duas viagens realizadas em agosto de 1956 e 1957.

Kozák observou: "Quando ocorre uma morte entre os Bororo todos os membros da sociedade deixam de lado as atividades de sua rotina por várias semanas e, juntos, realizam cerca de trinta rituais distintos, que constituem sua elaborada e prolongada cerimônia funeral".

A morte de um Bororo, atribuída ao espírito Bope e a onça, deve ser vingada. Um representante do morto era escolhido

para caçar e trazer a pele da onça até o pátio da aldeia. O xamã, mediador entre o mundo dos vivos e dos mortos, esfolava e pintava a pele, presenteada aos parentes. Inúmeros cantos e danças eram realizados para acalmar o espírito da onça morta. O primeiro sepultamento acontecia no pátio da aldeia, próximo à Casa dos Homens. Depois de um mês os ossos eram desenterrados e levados a um córrego, onde eram lavados ritualmente. Em seguida, esses ossos eram transportados para a aldeia e ricamente adornados. As mulheres, parentes do morto, faziam incisões nos braços e no peito da viúva, fazendo com que o sangue escorresse. Os homens agitavam chocalhos e entoavam canções de lamentação. O ritual terminava quando os ossos, dentro de uma cesta, ao som de zunidores, eram levados ao pântano para serem enterrados em uma cova profunda. A celebração da morte Bororo representava um período de reflexão e homenagens aos mortos, aos espíritos ancestrais e à natureza ressignificada.



ARTE E RITUALIZAÇÃO

da guerra no *Alto Xingu*



O Parque Indígena do Xingu, criado em 1961 no Estado do Mato Grosso, reúne

atualmente uma população de mais de 6.000 índios pertencentes a 16 etnias das famílias linguísticas Tupi-Guarani, Jê, Karib, Aruák, Aweti e Juruna. Na região sul do parque, conhecida como área cultural do alto rio Xingu, concentram-se os povos que tradicionalmente habitavam a área, como Aweti, Kalapalo, Kamaiurá, Kuikuro, Matipu, Mehinako, Nahukuá, Naruvotu, Trumai, Waurá e Yawalapiti. Apesar das diferenças linguísticas e culturais, estes grupos mantêm uma rede de relações de sociabilidade baseadas em um sistema de trocas especializadas de artefatos, em casamentos e rituais intergrupais realizados anualmente, como o Kwarup e o Jawari.

O Jawari foi registrado por Vladimir Kozák, em junho de 1953, na aldeia Kamaiurá próxima à lagoa de Ipavu na confluência dos rios Kuluene e Kuliseu. Nessa oportunidade os Kamaiurá estavam recebendo os vizinhos Waujá, Aweti e Yawalapiti para a realização do Jawari, que consiste em uma série de disputas realizadas entre representantes das diferentes etnias. Organizados em duplas, os jogadores de aldeias distintas se enfrentam atirando uns nos outros, através do uso de um propulsor, flechas com pontas protegidas por cera.

Kozák registrou as várias etapas deste ritual em filmes, fotografias, desenhos e pinturas: a confecção dos cocares, com penas de gavião e araras, a pintura corporal, a entrada ritual dos convidados das outras aldeias, a dramatização do ataque dos anfitriões, o lançamento das flechas, a distribuição final dos alimentos e a queima ritual das armas antes do término da cerimônia.

Texto: Maria Fernanda Maranhão, Claudia Inês Parellada, José Luiz de Carvalho



Imagens: Vladimir Kozák

